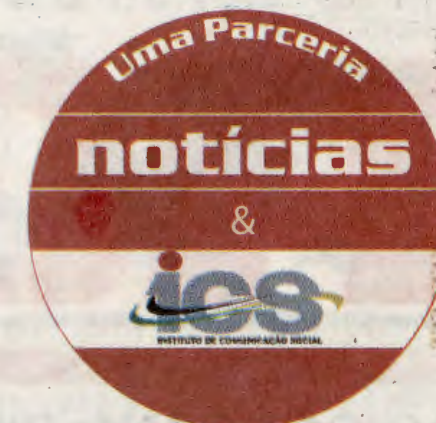


ed. 30.4.28

EM MASSINGA

Níveis de seroprevalência preocupam sector da Saúde



Fotos de Hélio Mungambe

Doentes num dos centros de saúde de Massinga

Tuberculose associada ao HIV/SIDA



Joaquim Luís Avelino, técnico de medicina geral em Murie

BERNARDO LITINGO

O DISTRITO de Massinga, em Inhambane, com uma superfície de 7410 quilómetros quadrados e uma população de 206.537 habitantes, regista índice elevado de infecções por HIV, que atinge mais de 14 por cento da população.

Segundo Joaquim Luís Avelino, técnico de medicina geral da unidade sanitária de Murie, na localidade de Malamba, posto administrativo de

Chicomo, o aumento de infecções por HIV/SIDA deve-se à migração da população nativa para a África do Sul e Suazilândia, além de o distrito ser o mais populoso da província.

Segundo o técnico, o Centro de Saúde de Murie registou de Janeiro de 2017 a Junho deste ano 246 casos de infecção por HIV, dos quais 175 em mulheres. Os doentes estão em tratamento, incluindo 23 crianças, das quais 20 são do sexo feminino.

O tratamento tem duas

componentes. A primeira é a administração de anti-retrovirais e a segunda consiste no tratamento de doenças como malária, tosse, entre outras que podem causar infecções oportunistas.

“Aos infectados por HIV, pelo facto de o seu organismo estar fragilizado, receitamos comprimidos que deixam o corpo forte para resistir a outras doenças. Há também casos de tuberculose associada ao HIV”, informou o técnico.

Martinha Isafas Vilancu-

los, residente de Murie e portadora de HIV, conta que sempre ficava doente, facto que a levou a fazer o teste, tendo descoberto estar infectada. A partir do diagnóstico, passou a fazer tratamento nesta unidade sanitária, onde mensalmente vai levantar comprimidos.

“Os comprimidos ajudam-me porque, antes de descobrir que estava infectada, ficava sempre doente sem saber o que estava a acontecer. De lá para cá, não tive nenhu-

ma recaída”, revelou Martinha.

O director do Serviço Distrital da Saúde, Mulher e Acção Social de Massinga, Carlos Estêvão, revelou que o estado de saúde antes piorava pelo facto de os doentes percorrerem distâncias entre 90 e 100 quilómetros ou mais para chegar à vila-sede de Massinga, onde faziam tratamento e tinham aconselhamento.

Agora, o distrito tem 13 unidades sanitárias. Com esta expansão dos serviços

de saúde e colocação de técnicos treinados, as distâncias reduziram-se e muitas pessoas passaram a aderir ao tratamento de HIV/SIDA.

“Para facilitar, transferimos doentes que vivem perto das unidades sanitárias de Chicomo, Muvamba e Nhangue, embora estejam registados na sede, para a unidade sanitária mais próxima da residência, de modo a diminuir o tempo e os custos para o acesso ao serviço sanitário,” realçou o director.

ALÉM do tratamento, Joaquim Avelino, técnico de medicina geral, revelou que promovem palestras com os pacientes na unidade sanitária, nas manhãs, antes das consultas, para falarem das diferentes doenças, sintomas e prevenção.

Quanto ao HIV/SIDA, aconselham os doentes a usarem sempre o preservativo e não abandonar o tratamento, bem como o cumprimento do horário de medicação.

“Em caso de abandono do tratamento, faz-se uma busca a partir do confidente fornecido pelo paciente no acto da abertura do processo para o tratamento”, informou o técnico.

Joaquim Avelino disse ainda que, em cooperação com as organizações de base, comunidades e parceiros, promovem palestras para as pessoas saberem usar os meios de protecção e haver fidelidade entre os casais. Também aconselham as pessoas a fazerem teste de HIV para saberem do seu estado serológico.



Carlos Estêvão, director do Serviço Distrital da Saúde, Mulher e Acção Social de Massingã

Uso de rede mosquiteira diminui casos de malária

OS casos de malária no distrito de Massingã têm vindo a diminuir. Enquanto no primeiro trimestre de 2017 foram registados 8611 casos e um óbito, em igual período deste ano houve registo de 3884 casos e dois óbitos, uma redução de mais de 30 por cento. Segundo Carlos Estêvão, este facto deve-se ao uso correcto da rede mosquiteira, associado à educação sanitária, isto é, promoção da educação para mudança de hábitos na

higiene individual e colectiva.

As autoridades da Saúde de Massingã distribuíram cerca de 120 mil redes mosquiteiras a mais de 40 mil famílias.

“Além da educação sanitária, trabalhamos com as farmácias privadas que fornecem medicamentos geralmente usados para auto-medicação. Sejam elas privadas ou públicas, não podem fornecer medicamentos anti-maláricos a uma pessoa que não tenha diagnós-

tico clínico”, recomendou o director distrital da Saúde, Carlos Estêvão. A consequência da auto-medicação, sobretudo por medicamentos de malária, sem diagnóstico, é a resistência aos anti-maláricos numa ocasião em que de facto o paciente tenha malária. “Então, não é correcto que as pessoas usem a medicação sem o diagnóstico confirmado por teste rápido ou por microscopia,” exortou.

Cancro e gravidez precoce

QUANTO ao cancro do colo do útero, no ano passado foram detectados 27 casos, sendo que as pacientes foram submetidas a cirurgia em diferentes unidades sanitárias fora da sede distrital, como também nos centros de Saúde de Kangelá e de Rio-das-Pedras.

Conforme Carlos Estêvão, os serviços de Oncologia serão expandidos para o Centro de Saúde de Nhachengue, como forma de colocá-los próximo dos utentes. Estêvão revelou que os casos de cancro da mama são raros.

Quanto à fístula obstétrica, a maioria dos casos acontece quando o parto ocorre em casa e quando há incompatibilidade entre o feto e o canal para o parto.

No distrito de Massingã, segundo o director distrital, no fim do ano passado houve campanhas que culminaram com a correcção de 17 casos de fístulas obstétricas no Hospital Rural de Vilankulo, em colaboração com uma equipa de médicos que veio de Maputo.

CASAMENTOS PREMATUROS

O distrito de Massingã registou 16 casos de casamentos

prematuros envolvendo raparigas entre os 14 e 17 anos. Como causas, aponta-se sobretudo a pobreza extrema.

São meninas que se envolveram maioritariamente com jovens da mesma idade, referiu a responsável da Repartição da Mulher e Acção Social no Serviço Distrital da Saúde, Mulher e Acção Social de Massingã, Ivone de Lurdes Frederico João.

Para justificar a vulnerabilidade, a fonte apoiou-se na situação de que muitas raparigas envolvidas em casamentos prematuros são órfãs de pais, estando aos cuidados de parentes como avós e tias, que muitas vezes não têm atitude igual a dos progenitores.

Dos 16 casos registados em Massingã, segundo a nossa entrevistada, um deles envolve um homem adulto com uma rapariga de 14 anos, incentivada a casar-se por dinheiro.

A chefe da Repartição da Mulher e Acção Social de Massingã conta sobre este caso que o homem foi até à família da rapariga pedir a sua mão em casamento e se envolveu com o consentimento dos pais, entretanto contra a vontade da menor.

“Não concordando com o



Ivone de Lurdes Frederico João, responsável da Repartição da Mulher e Acção Social no Serviço Distrital da Saúde, Mulher e Acção Social de Massingã

casamento, a menor denunciou o caso e nós encaminhamo-lo à Procuradoria Distrital para resolução. A menina retornou à escola, e nós apelamos aos professores da escola para darem o devido acompanhamento”, explicou Ivone João.

Quanto aos outros 15 casos, o sector da Mulher e Acção Social trabalha em coordenação com o projecto de Dom Dinis Singulane “Eu vou esperar, mas esperar, fazendo o quê”, para recuperar as vítimas desta violência.

Entretanto, a fonte lamenta que algumas raparigas, uma vez casadas, não aceitam

a separação. “Mesmo assim, temos de resgatá-las porque ainda não estão preparadas para estar no lar. Elas devem estar na escola”, disse Ivone João.

Para fazer face a esta situação, o projecto oferece curso de corte e costura às raparigas, para aquelas que dificultam o retorno às aulas. Ao terminar o curso de corte e costura, cada uma recebe kit para coser roupa e garantir o seu auto-emprego,” revelou a fonte, acrescentando que, neste momento, existem nove raparigas que estão a beneficiar da formação.

Na localidade de Guma, os

casamentos prematuros preocupam as autoridades. Carlos Massicame revelou que o Centro de Saúde de Rio-das-Pedras detectou que mais de 70 raparigas abaixo de 20 anos terão ficado grávidas prematuramente.

A localidade tem duas unidades sanitárias, uma localizada no Rio-das-Pedras e outra em Nhaloya. A fonte reconhece que as comunidades ainda precisam de mais unidades sanitárias para encurtar as distâncias, pois aquelas estão distantes.

GRAVIDEZ PRECOCE

No primeiro trimestre deste ano, três escolas do distrito Massingã registaram 11 casos de gravidez precoce em alunas entre 16 e 19 anos de idade, facto que é preocupante, embora todas as alunas estejam a estudar.

A responsável da área da Saúde Escolar e Género no Serviço Distrital da Educação, Juventude e Tecnologia, Olímpia Ernesto Maute, refere que a Escola Secundária 25 de Junho de Massingã tem três alunas que engravidaram no presente ano, a Secundária de Mudauca com sete casos e um caso na Escola

Primária Completa de Mulguiane.

Segundo a fonte, a maior parte destas alunas está na 8.ª classe. São crianças que vêm da zona rural, que nunca tiveram aconselhamento nem participaram nas palestras de educação sexual reprodutiva.

“No primeiro trimestre de 2018, registámos 11 casos de gravidezes precoces nas escolas. Esses casos envolvem crianças transferidas e que na escola de origem não tiveram aconselha-

mento nem acompanhamento, porque têm entre 1 e 6 meses de gravidez”.

Para responder a este problema, os professores são formados sobre questões de saúde sexual reprodutiva, abordam temáticas que têm a ver com gravidez precoce nos temas transversais e aconselham as raparigas para ir ao centro de saúde mais próximo para reportar o problema. Também são sensibilizadas a não desistirem de estudar em caso de gra-

vidéz, além de que são dispensadas para ir ao peso e controlo pré-natal periódico.

Em 2017, o distrito de Massingã registou 17 casos de gravidezes precoces, mostrando um decréscimo em dois casos se comparado com igual período de 2016, em que registaram 19 casos. “Deste número, duas alunas estão no lar e não estão a estudar, e 15 regressaram à escola para estudar, depois do parto”, disse a fonte.



Raparigas em consulta pré-natal

vidade entre os casais. Também aconselham as pessoas a fazerem teste de HIV para saberem do seu estado serológico.

TRATAMENTO

Em 2017, Massingã registou 475 casos de tuberculose, os quais estão em tratamento. Deste número, 60 são crianças.

Segundo Joaquim Avelino, a maior parte destes casos está associada ao HIV/SIDA. Este resultado é da participação da comunidade, que é capacitada sobre os sintomas desta doença, como também da contribuição dos Agentes Polivalentes Elementares (APE), que quando encontram casos suspeitos encaminham às unidades sanitárias para o diagnóstico. Os APE também levam consigo medicamentos para o tratamento ao domicílio, reduzindo as despesas em deslocações para o hospital.

“Em caso de tuberculose, os pacientes ficam internados por três semanas no hospital, para evitar a propagação desta doença, que é de fácil contágio. Depois deste período, o paciente recebe tratamento domiciliário durante seis meses”, salientou o técnico. “A liderança comunitária ajuda quando o doente desiste de tomar os medicamentos. Quando tenta mudar de residência, faz-se uma busca e activa-se o tratamento, para evitar a propagação da doença na comunidade”, realçou o director distrital, Carlos Estêvão.